Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Dinheiro sem padrinho

Até aqui, foram R$ 3 bilhões do orçamento da União distribuídos em indicações nas quais consta apenas "assinante". É aí que, conforme avisam alguns, mora o perigo de desvio. Em ano eleitoral, deputado ou senador que não quer assumir que mandou dinheiro para os municípios, é sinal de que tem algo errado.

"Não fui eu"

O presidente Jair Bolsonaro trata de se distanciar do orçamento secreto. Na live da semana passada, o presidente comentou a declaração de Lula, de que o orçamento secreto é "a maior bandidagem em 200 anos", e disse inclusive que a bancada do PT votou pela derrubada do veto.

O mantra de Lula

Em todas as reuniões com o empresariado, o ex-presidente Lula tem entoado a frase de que é preciso "juntar os diferentes para vencer o antagônico". E repete que quer fazer com os empresários a mesma parceria que faz hoje com Geraldo Alckmin.

Nem tanto

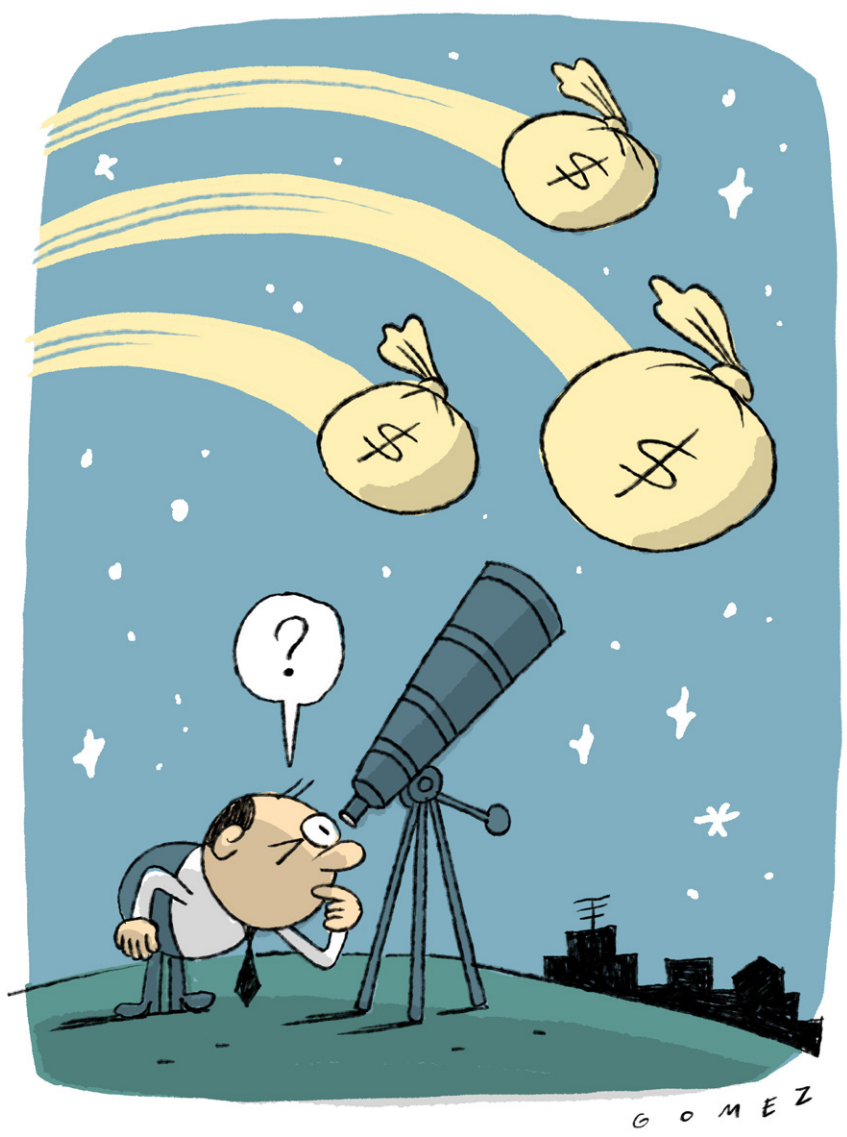
Até aqui, porém, uma parte do empresariado topou. Outra parte, porém, considera que Alckmin se juntou à esquerda em vez de levar a esquerda para o centro.

O mistério do "assinante"

Entre as inovações desta Legislatura no quesito Orçamento, existe um tal de "assinante", um sujeito oculto que indica as emendas de relator ao Orçamento da União. Ex-vice-prefeito de Caixas, no Maranhão, o deputado Paulo Marinho Júnior, do PL, quebra a cabeça para sabe como a sua base eleitoral recebeu R$ 19,9 milhões para saúde de verba extra, sem que aparecesse o padrinho. Ele já telefonou para a maioria dos integrantes da bancada e, até agora, ninguém se apresentou. "Vou virar o mundo, mas vou descobrir", conta ele à coluna. "Alguém vai ter que dizer como isso foi feito", afirma. "A ministra Rosa Weber definiu que precisa ter autor. Esta rubrica não tem", completa.

» » »

Na listagem de pagamentos, surge apenas o padrinho "assinante", mas não se sabe quem indicou o repasse de recursos. Na avaliação do deputado, estão inclusive enrolando a ministra do Supremo Tribunal Federal, que determinou transparência na aplicação desses recursos. Até aqui, tem mais mistérios do que se possa imaginar.



CURTIDAS

Pesos & medidas/ O deputado Eduardo Bolsonaro colocou em suas redes o vídeo de uma produtora encenando um atentado ao presidente Jair Bolsonaro em uma motociata. Ao final, circula a suástica na camisa do ator. Ele completa o post com a frase: "Quantas horas Alexandre de Moraes dará para os produtores se manifestarem sobre discurso de ódio?"

Posto palanque/ Relator da PEC das Bondades e dos biocombustíveis e autor do projeto que limita a cobrança de ICMS de combustíveis e energia, o deputado Danilo Forte (União Brasil-CE) tem feito vídeos para suas redes sociais nos postos de combustíveis. Depois dele, o ministro Adolfo Sachsida seguiu pelo mesmo caminho. Até o presidente Jair Bolsonaro já fez gravação em posto de gasolina.

Marina Ramos/Câmara dos Deputados



Toda a deferência/ O presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), fez questão de demonstrar que está tudo em paz atualmente entre ele e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) (**foto**). Na promulgação da emenda constitucional das bondades, (ou Eleitoral ou Kamikaze), ele foi o último a falar, o que, em solenidades oficiais, sempre cabe a quem tem o posto mais alto. No caso ali, seria o próprio Pacheco, que presidia a sessão.

Por falar em Arthur.../ Ele saía do Congresso dia desses, quando encontrou o deputado Afonso Florence (PT-BA): "Isso que você queria, nem D. Pedro", disse o presidente da Câmara, referindo-se ao pedido do deputado para que a lei fosse votada rapidamente, sem que houvesse qualquer barreira regimental. Ele busca essa aprovação há anos, mas ainda não conseguiu. A lei de cotas ficou para agosto.

INTOLERÂNCIA POLÍTICA

Choque entre candidatos no Rio

Simpatizantes de Marcelo Freixo (PSB) e apoiadores do deputado estadual bolsonarista Rodrigo Amorim (PTB) se acusam de hostilidade mútua após grupos se encontrarem na Tijuca. Militantes da esquerda afirmam que direitistas estariam armados

» MICHELLE PORTELA

Twitter/Reprodução



Rodrigo Amorim é flagrado discutindo com militantes do PSB

Twitter/Reprodução



Imagem de vídeo mostra político de direita exibindo bandeira para simpatizantes da esquerda, em feira livre

Twitter/Reprodução



Freixo divulgou vídeo sobre incidente: "marginais armados"

Mais um caso de intolerância política foi registrado ontem, no Rio de Janeiro (RJ), uma semana depois de um militante de direita assassinar o guarda municipal e tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT) Marcelo Aloizio de Arruda, em Foz do Iguaçu (PR). Por volta das 10h, o deputado federal Marcelo Freixo (PSB) e simpatizantes encontraram o grupo do deputado estadual Rodrigo Amorim (PTB), na Praça Saens Peña, no bairro da Tijuca. O incidente provocou momentos de tensão. Ambos os lados afirmam que marcaram atos públicos rotineiros no local e registraram boletins de ocorrência.

Freixo é candidato ao governo do Rio na coligação com PT, PSB, PV, PCdoB, Rede e Cidadania. Com o tradicional aparato de esquerda, os militantes realizavam uma manifestação em apoio ao candidato do PSol com camisetas e bandeiras vermelhas, quando se depararam com Amorim e simpatizantes, à altura da Rua General Roca.

Vídeos divulgados nas redes sociais mostram os dois grupos fazendo provocações, mas ambos negam agressões físicas. Os simpatizantes de Freixo — candidato da chapa de Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin, no Rio — afirmam que sofreram intimidações, inclusive, por parte de bolsonaristas armados que acompanhavam Amorim.

Freixo gravou um vídeo para denunciar a agressão, e sua assessoria de imprensa confirmou que outros pré-candidatos registraram boletim de ocorrência. "Visitávamos uma tradicional feira da Tijuca quando fomos surpreendidos por um deputado ligado ao governador Cláudio Castro (PL) e ao presidente Jair Bolsonaro que estava acompanhando de dez marginais armados, os quais foram para cima das pessoas, crianças e idosos, dizendo que ali não era lugar para que a gente ficasse. Não é disso que o Rio precisa, o Rio precisa de diálogo. A política não pode oferecer violência."

Crime contra a honra

Amorim, por sua vez, sustenta que mora próximo à Praça Saens Peña e que, por essa razão, passava com apoiadores pela feira. Por meio da assessoria de imprensa, o parlamentar informou que fez registro na Polícia Civil de crime contra a honra praticado por Marcelo Freixo. Ele disse que caminhava em direção ao evento do PTB, em São Cristóvão, quando uma equipe de Freixo começou a ofender sua família e a de Bolsonaro. O parlamentar informou que também registrou denúncia no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) contra Freixo, sob a alegação de que ele fazia campanha antecipada para o cargo de governador. Amorim negou ter existido troca de agressões físicas e desmentiu que assessores estivessem portando armas no local.

"Estava a 300 metros da minha casa, em paz, com amigos, indo para um evento do PTB em São Cristóvão, quando começo a ouvir ofensas contra a minha família e pessoas fazendo ameaças. Imagino que eles vão divulgar tudo ao contrário, nos xingando do que eles são. Freixo estava com seguranças armados, e seguranças que não são cedidos formalmente. Mas vamos em frente. Não posso ouvir ofensas ao presidente, que tem meu apoio e do meu partido, e ficar calado", declarou o deputado estadual.

Por meio de nota à imprensa, o Diretório Estadual do PT defendeu que houve "empurrões, quebra de bandeiras e ameaças" contra o grupo de esquerda.

Em 2018, durante a campanha, Amorim protagonizou um gesto polêmico, ao ser fotografado quebrando uma placa com o nome de Marielle Franco, vereadora pelo PSol assassinada em março daquele ano. O crime não foi elucidado. Na foto em questão, ele está ao lado de Daniel Silveira, deputado federal anistiado por Bolsonaro. No fim da tarde de ontem, Amorim publicou imagem junto a Silveira, no encontro do PTB, com a frase: "O terror da turma do mimimi esquerdista!".

Assassinato

O incidente de ontem entre bolsonaristas e militantes de esquerda é mais um episódio do crescente registro de conflitos entre os grupos. Na noite do último dia 9, Marcelo Arruda — dirigente petista em Foz do Iguaçu — foi baleado pelo policial penal federal Jorge Garanho, apoiador de Bolsonaro. Arruda comemorava o aniversário com uma festa temática sobre o PT e morreu nove horas depois.

Um ato pela paz foi convocado, hoje, para ocorrer em Foz do Iguaçu em memória do guarda municipal, com vigilância do 14º Batalhão de Polícia Militar e da Guarda Municipal. A Polícia Civil do Paraná anunciou, na sexta-feira, que descartou motivação política no assassinato. A família de Arruda contesta a conclusão.